

## **A Ditadura Brasileira e a telinha - O caso Globo**

*Brazilian Dictatorship and the TV - Globo case*

**Isabella Gouvêa Antunes<sup>1</sup>**

### **Resumo**

A televisão foi um dos meios de comunicação mais transformadores do século XX, com uma expansão rápida e profunda que moldou o imaginário coletivo. No Brasil, sua consolidação coincidiu com o período da Ditadura Civil-Militar, quando se tornou um instrumento estratégico do regime. Por meio da censura, o governo controlava os conteúdos transmitidos, cerceando temas considerados subversivos e artistas que contrariassem seus ideais. Ao mesmo tempo, o regime utilizou a televisão para promover ideais conservadores e reforçar ideias a favor do governo, especialmente durante o Milagre Econômico, quando foi veiculada uma narrativa oficial otimista e silenciosa em relação às vozes dissidentes. Este artigo investiga como as primeiras redes televisivas brasileiras se conectaram ao governo ditatorial, destacando os investimentos, apoios e estratégias que consolidaram a televisão como uma poderosa ferramenta de formação da opinião pública no século passado.

**Palavras-chave: Ditadura militar brasileira; Televisão**

---

<sup>1</sup>Graduanda em história pela Universidade Federal de Minas Gerais, [gouveabella@gmail.com](mailto:gouveabella@gmail.com)

## **Abstract**

Television was one of the most transformative means of communication in the 20th century, with a rapid and profound expansion that shaped the collective imagination. In Brazil, its consolidation coincided with the period of the Civil-Military Dictatorship, when it became a strategic instrument of the regime. Through censorship, the government controlled the content broadcast, curtailing themes considered subversive and artists who contradicted its ideals. At the same time, the regime used television to promote conservative ideals and reinforce ideas in favor of the government, especially during the Economic Miracle, when an optimistic official narrative was broadcast and dissenting voices were silenced. This article investigates how the first Brazilian television networks were connected to the dictatorial government, highlighting the investments, support and strategies that consolidated television as a powerful tool for shaping public opinion in the last century.

**Key-words: Brazilian Military Dictatorship ; Television**

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A televisão é um dos elementos indispensáveis quando pensamos no século XX. Criada no começo deste século, sua expansão foi algorítmica. Sucessora da rádio, em alguma medida, a televisão surge como um objeto de luxo na Europa e nos Estados Unidos. Sua tecnologia e as redes televisivas estavam em um estágio embrionário até metade do século. Durante a II Guerra Mundial, apenas a Alemanha fazia transmissões televisivas na Europa, enquanto nos EUA a invenção passou a ser utilizada como um meio de comunicação, e a partir de 1945, começou a ser produzida em escala industrial. A partir deste momento, a história da televisão, tanto o objeto quanto todo o sistema de redes televisivas com seus produtores, patrocinadores, artistas, diretores experimentaram modificações e ampliações em ordens inexprimíveis. Seu potencial como um meio de comunicação e um veículo de difusão de ideias em massa tão logo foi percebido, já se tornou ponto de cobiça. Neste artigo, vamos investigar os usos da televisão no Brasil durante seus primeiros anos, que coincidem com o período da Ditadura Civil Militar.

A televisão logo passou a ser um ponto de interesse dos governos militares, que operaram por meio da censura para coibir assuntos e a aparição de pessoas que veiculassem ideais diferentes aos do governo, e ao mesmo tempo foi utilizada como uma vitrine de ideias conservadoras e de apoio ao regime. Por meio dela o Milagre Econômico foi apresentado à população, enquanto ideias subversivas eram constantemente atacadas. A televisão foi responsável por uma mudança no imaginário coletivo nacional e a influência de seus programas na construções de opiniões pode ser verificada ao longo do regime ditatorial. Este artigo investiga a conexão entre as primeiras redes televisivas brasileiras e o governo ditatorial, destacando os investimentos, apoios e estratégias que moldaram a televisão no Brasil durante estas duas décadas.

A perspectiva teórico-metodológica deste artigo se baseia em estudos pregressos sobre a televisão brasileira e sobre o interesse político e econômico dos governos da Ditadura Militar sobre ela. Entre eles, o historiador francês Jean-Noel Jeanneney, que acena a necessidade de se levar em consideração o peso do governo na sociedade e a capacidade de ação do Estado sobre a informação televisiva (JEANENEY, 1996). A história de cada uma das redes de televisão citadas foram levantadas por meio de sites das próprias, artigos acadêmicos e matérias publicadas no período nos periódicos de ampla circulação e em programas radiofônicos e

televisivos. Entender os propósitos políticos na construção da televisão brasileira e as motivações de grandes nomes do setor televisivo nos faz questionar o atual debate sobre a imprensa e o jornalismo e seu papel em nossa sociedade.

É sabido que a mídia burguesa opera em favor da burguesia dominante e tal construção possui grande influência na formação política e pessoal da população. A televisão foi durante décadas uma das fontes de elaboração de imaginários e conhecimentos do povo, e ainda hoje em uma era digital, 94% dos lares brasileiros possuem sinal analógico ou digital de televisão aberta. Os dois casos levantados neste artigo figuram ainda como as principais redes de televisão, conhecidas por todos os brasileiros (IBGE, 2024).

### **O CASO GLOBO: Da fundação à principal rede de TV**

Em julho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista Irineu Marinho lançava as duas primeiras edições de seu novo jornal, O GLOBO. Irineu ficou pouco tempo à frente da empreitada, falecendo poucos meses após o lançamento. Quem assumiu a direção da redação do jornal foi seu primogênito, natural sucessor do pai, Roberto Marinho. Em suas primeiras décadas o jornal já despontava com feitos inéditos, como sendo o primeiro a publicar uma telefotografia. Na ocasião, a fotografia de uma nadadora brasileira foi enviada do país que sediou as Olimpíadas, Alemanha, e publicada no jornal, o que demarcava um avanço na tecnologia de telecomunicações à nível mundial. O grupo de redatores viu as transformações tecnológicas que surgiam no período conhecido como a Guerra Fria, no qual o Brasil mantinha relações próximas com a Alemanha e era cobiçado e flertava com os Estados Unidos.

Os avanços no setor da comunicação foram rápidos e intensos, o fazer jornalístico estava mudando, assim como a rapidez com a qual as notícias eram conhecidas e divulgadas. Ampliava-se também as tiragens, os consumidores, os patrocinadores, as propagandas. A rádio imperou por décadas no Brasil como a principal fonte de notícias, entretenimento e até como forma de ensino à distância. O Globo também passou a contar com uma faixa AM em 1944, as notícias eram transmitidas ainda mais rapidamente, sendo apresentado um programa jornalístico “O GLOBO no ar” em intervalos de 60 minutos. Dessa forma a empresa viu ainda a expansão de seu alcance, cada vez atingindo mais pessoas e áreas e deixando de ser restrita a cidade do Rio de Janeiro.

As ondas da rádio Globo chegavam em todo Brasil, em ondas curtas que se irradiavam levando conteúdos sobre a Segunda Guerra Mundial, campeonatos de futebol e cobertura política. Sediada na capital do Brasil, a rádio

acompanhava de perto os feitos do então presidente Getúlio Vargas. Enquanto no Brasil ainda dominava a rádio, no exterior as primeiras transmissões televisivas começavam a aparecer. Em 1936 ocorre a primeira transmissão de um programa pela inglesa BBC, a cerimônia de coroação do Rei George VI, e três anos mais tarde a primeira transmissão estadunidense, um discurso do presidente Roosevelt. Destaca-se o caráter solene e político das duas ocasiões.

A televisão chega ao Brasil na década de 1950, momento no qual ela já era produzida em escala industrial por empresas norte-americanas, e foi de lá que o jornalista Chateaubriand importou as primeiras 200 unidades do produto para solo brasileiro, além de um transmissor de rede. Foi em 1957 que o presidente Juscelino Kubitschek aprovou a concessão de uma estação de televisão à Rádio Globo. Como a empresa havia realizado o pleito de concessão de 6 anos antes, e já havia tido uma resposta prévia negativa, o jornal O Globo noticiava que a decisão havia sido feita não por motivos técnicos, mas políticos. Em matéria noticiada à época se escrevia que O Globo parabenizava aqueles que, como a empresa, apoiavam a não interferência do Estado na economia privada, em especial na imprensa, controlando a opinião pública, a empresa se mantinha alinhada com a parcela mais conservadora da sociedade, tendo sido apontado inclusive como opositores do governo do presidente Getúlio Vargas e crítico às estatizações. Esta posição assumida publicamente em 1957 contrasta com a política que a empresa O Globo assumiu após o Golpe Militar.

Em 1964, o chefe do Exército brasileiro chegava ao poder, Castello Branco assumia a presidência por meio de um golpe de Estado, dando início à Ditadura Civil Militar. Neste dia, o jornal O Globo publicou em sua íntegra o Ato Institucional nº1, que dava início ao governo de exceção, cuja validade era garantida por ele, impondo então um ato inconstitucional. Na mídia o golpe foi retratado como uma revolução vitoriosa, que era necessária para afastar do Brasil o mal do comunismo.

Para que se estabelecesse, o governo militar criou estratégias de divulgação de informações que apelassem à pátria, com forte apelo sentimental e ideológico. Ao plantar campanhas educativas nos meios de comunicação em massa e celebrações patrióticas, os militares almejavam a aceitação e a confirmação da sociedade de que o novo governo era de fato bom. No entanto, é sabido que logo após o golpe já iniciaram as perseguições políticas e pessoas consideradas dissidentes, líderes sindicais, lideranças políticas do campo da esquerda, militantes e comunistas eram caçados e

sofriam privação de sua liberdade, torturas e eram assassinados. Esta parte não era divulgada, a estratégia utilizada da censura aos meios de comunicação foi uma forma de impedir que ideais reprovados pelo governo não fossem transmitidos, inclusive sendo feitas informações falsas que instituíram na população alguns preconceitos e medo das ideias dissidentes.

O discurso do jornal e dos programas televisivos da Globo se mantiveram conservadores durante todo o regime militar. Assim como muitas outras empresas de comunicação. Ao se rotular como defensor do interesse da nação, O Globo buscou angariar o apoio popular ao novo governo, por meio de manchetes tendenciosas e da escolha das palavras utilizadas para se referir ao novo governo. Inclusive, podem ser estudadas as questões de semiótica presentes nestas matérias, que por penderem para um lado, tentam apresentar a notícia de forma imparcial.

A censura do governo visava justamente impor limites no que poderia ser veiculado pelas mídias, a fim de controlar a forma e o conteúdo que chegava até a população. Agentes do Estado analisavam as propostas de programas e matérias, sendo vetadas aquelas que contivessem algum tipo de conteúdo classificado como impróprio. A Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e o Serviço Nacional de Informações foram os órgãos responsáveis pela examinação. Os censores determinavam cortes, mudanças ou mesmo a proibição ou suspensão de tal conteúdo, além de investigar as pessoas envolvidas na programação, podendo barrar também indivíduos de se apresentarem nas telinhas.

A emissora não noticiava os casos de corrupção, tampouco as acusações de sequestro, tortura e assassinatos. Apesar da censura feita por meio das agências e órgãos governamentais, as próprias redes televisivas, assim como as redações de jornais e as estações de rádio passaram a compor em sua estrutura interna uma autocensura, a fim de que os programas estivessem de acordo com o esperado pelo Estado e diminuísse a possibilidade de proibição de algum programa, o que traria certo desconforto e também prejuízos econômicos para as empresas.

O fato de terem omitido tais informações por duas décadas ocasionou um fenômeno de apagamento social das vítimas e perseguidos políticos, além de criar um imaginário de que aquelas pessoas perseguidas deveriam ser perigosas. Para manter tal nível de principal rede de televisão brasileira, a Globo também recebeu do Governo Militar alguns benefícios, como quando recebeu investimento de um grupo norteamericano chamado *Time Life*, que enviou tanto um empréstimo milionário, como também disponibilizou equipamentos e consultorias. Tal ação era ilegal, uma vez que a

legislação brasileira proibia sistematicamente o controle e influência de estrangeiros. Em 2011, em um editorial elaborado pelo grupo Globo, na sessão de Erros e falsas acusações, a empresa fez uma retratação e pedido de desculpas à sociedade brasileira, assumindo o apoio à Ditadura Militar. No comunicado apontam as circunstâncias da época, ressaltando o apoio de outros jornais, e enfatizando o dever cívico moral de se retratar por meio desta mensagem, mas esta foi a única ocasião em que abordaram a temática.

## **CONCLUSÃO**

Este artigo trouxe à luz as conexões e estratégias intermediadas pelo regime militar por meio de seus órgãos de controle, demonstrando a tentativa de consolidação do regime na opinião pública por meio dos meios de comunicação, em relevância aqui a televisão. Esta interferência no conteúdo vinculado pelas redes televisivas se deu não somente por meio da censura e da autocensura. O controle exercido pelos militares e o apoio da burguesia que detinha os meios de comunicação, concentraram no período da Ditadura uma forma principal de letramento ideológico e de referências para grande parte da população brasileira, que através dos meios de comunicação não apenas se antenavam nas notícias, mas também absorviam a ideologia dominante no período.

Este tema não se esgota apenas no conhecimento das estratégias, mas deve ser analisado ainda por outras arestas, como a influência da mídia hegemônica no imaginário social sobre o período da Ditadura, o que pode levar a interpretações de que no passado as coisas eram melhores, mas sem o aprofundamento de que por meio da censura, nem tudo chegava à população. A idealização de um Brasil forte e modernizado foi de fato consumada por meio da mídia, que também ganhou muito com a assistência do Governo Federal. O crescimento de determinadas empresas foi definido exatamente pelos auxílios fiscais que recebiam em detrimento de outras empresas que foram perseguidas. Levanto ainda o convite à reflexão de como a televisão foi um fator determinante para a formação da memória da Ditadura, e os aspectos que podemos observar ainda hoje desta influência, visto que até hoje a Rede Globo se consolida como a maior e principal rede televisiva do Brasil.

## Bibliografia

BARROS, Eduardo Amando de. “Se não nos unirmos, a televisão estará estatizada”: Empresários das comunicações e Ditadura Militar no Brasil” . Publicado na **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 2023

IBGE. **Internet foi acessada em 72,5 milhões de domicílios do país em 2023. 2 dez. 2024. Disponível em:** <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41024-internet-foi-acessada-em-72-5-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2023#:~:text=Propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20domic%C3%ADlios%20com%20recep%C3%A7%C3%A3o,5%2C2%25%20em%202023.>

JEANNENEY, J. N. **Uma história da comunicação social**. Lisboa: Terramar, 1996.

MAGNOLO, Talita Souza; PEREIRA, Aline Andrade. O papel desempenhado pelo jornal O Globo ao golpe de 64, **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Salto-SP, 2016

BRASIL. **Ato Institucional nº1**, de 9 de abril de 1964. Dispõe sobre a manutenção da Constituição Federal de 1946 e as Constituições Estaduais e respectivas Emendas, com as modificações introduzidas pelo Poder Constituinte originária da revolução Vitoriosa. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-01-64.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm) >. Acesso em 11 abr. 2016